



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8433 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

“ISSO É UMA AULA”: O CURRÍCULO E A PEDAGOGIA CULTURAL DE CANAIS DO YOUTUBE DE JOVENS GAYS COM TEMÁTICA HIV-AIDS

Tiago Duque - UFMS - PPGE CPAN - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

“ISSO É UMA AULA”: O CURRÍCULO E A PEDAGOGIA CULTURAL DE CANAIS DO YOUTUBE DE JOVENS GAYS COM TEMÁTICA HIV-AIDS

Este texto apresenta parte dos resultados de uma pesquisa desenvolvida durante o estágio de pós-doutoramento em Educação. O objetivo aqui é analisar o currículo e a pedagogia cultural de canais do Youtube criados e mantidos por homens jovens gays soropositivos para o hiv. Foram analisados três canais, sendo escolhidos por sua diversidade em relação a apresentação do conteúdo, perfil do jovem que aparece nos vídeos, região do Brasil e tempo de existência. A metodologia utilizada foi a “etnografia de tela” (RIAL, 2005), observando tanto o conteúdo dos vídeos como os comentários da audiência. A perspectiva teórica é a pós-crítica em Educação (PARAÍSO E CALDEIRA, 2018)

Pedagogia cultural pode ser entendida como um termo guarda-chuva, que se refere a ideia de que a educação ocorre em diferentes locais, como a escola, mas não somente nela, isto é, há uma variedade de “locais pedagógicos”. Steinberg (1997) entende esses espaços como sendo onde o poder se organiza e se exercita, eles vão desde as bibliotecas aos esportes, passando pelo cinema, TV, jogos e brinquedos. Por isso, enquanto um “dispositivo pedagógico da mídia” (FISCHER, 2007), os canais do Youtube estão envolvidos em relações de poder e de produção de subjetividades, portanto, são “locais pedagógicos”, possuem pedagogia.

Em termos de gênero e sexualidade, o canal atrai um público diversificado, indicando o quanto o conteúdo é buscado pelos mais diversos perfis, não exclusivamente por gays. Assim, o assunto tratado parecer ser mais significativo para a audiência do que simplesmente a identidade sexual de quem produz os conteúdos. O modo de funcionamento dos artefatos pode ser entendido, então, como se eles fossem elementos de redes de significação. Segundo Ferrari e Castro, por essas redes “circulam e são fabricados os sentidos que damos às experiências de gênero e sexualidade (e tantas outras), indicando-nos como devemos agir e pensar, anunciando modos de ser e estar mais ou menos conformes com as

normas” (2018, p. 102).

Considerando o Youtube também como um site de busca de informações, a circulação de sentidos é intensa entre quem interage ou simplesmente assiste aos vídeos. Há, por sua vez, comentários em vídeos que indicam o quanto esses artefatos são acessados em momentos literalmente de busca de respostas sobre como se deve agir e pensar, como no caso da seguinte consulta, em letras garrafais, feita por um jovem às pessoas que acessam o canal: “Gente me ajuda, eu acabei de dar sem camisinha, eu to desesperado. Eu tenho quer ir no hospital ou no postinho mesmo?? me ajudem sério eu to desesperado”.

A circulação e a fabricação de sentidos, por sua vez, se dá por meio de determinados currículos, “que produzem valores e saberes; regulam condutas e modos de ser, fabricam identidades e representações, constituem certas relações de poder” (SABAT, 2001, p. 09). Nesse sentido, um homem, depois de parabenizar o soropositivo do canal “por mais um vídeo incrível”, assume em um dos comentários: “você me representa...”. Assim, nem todos os artefatos hiv-aids têm o mesmo currículo, isto é, exercem a mesma pedagogia. Isso tem efeitos diversos não necessariamente em relação ao tipo, formato ou produto em si, antes, são as redes de significação que podem aproximar ou distanciar os seus efeitos pedagógicos, portanto, os currículos, dos artefatos de mesma temática, independentemente da tecnologia que os tornaram possíveis.

Com isso, entendo os três canais do Youtube selecionados como tendo um currículo comum, não pela temática (o que não seria suficiente por si só, pois poderiam tratar do mesmo tema de formas antagônicas e contraditórias) e tão pouco pelo produto midiático que caracterizam. Antes, do ponto de vista analítico, os reconheço como sendo elementos das mesmas redes de significação, logo, apesar das suas especificidades, desenvolvem uma certa pedagogia cultural que pode ser caracterizada a partir de um currículo hiv-aids comum. Isso, contudo, em nada contradiz os apontamentos da chamada polissemia nos estudos de recepção, o que permite ao leitor certa autonomia na leitura/interpretação do texto imagético (RIAL, 2005).

Nesse sentido, um tema polêmico entre a audiência, por exemplo, foi a mistura de remédios com bebida alcoólica. Enquanto parte dela apoiava o posicionamento de um dos soropositivos de um dos canais em relação a mistura perigosa das duas coisas, outra criticava o seu posicionamento. Uma mulher, nos comentários, acusou: “Vc tá pondo medo nos outros porque não gosta de beber”. Um jovem, sobre isso, apontou que muitas pessoas poderiam deixar de começar o tratamento para não parar de beber, concluindo: “Você pode estar criando um pânico desnecessário”.

A despeito de algumas críticas isoladas, a maior parte dos comentários da audiência são elogiosas e acolhedora dos jovens gays responsáveis pelos canais. Um jovem, declara: “isso é uma aula de alta qualidade, parabéns, assunto muito bem abordado”. Um jovem chama a atenção para um detalhe da forma como o conteúdo é apresentado: “amei a vinheta”. Para ele, a música que foi escolhida tem um significado especial.

Contudo, ainda é perceptível que socialmente “a condenação moral manifesta-se especialmente quando a infecção acontece por via sexual, realçando o renitente preconceito contra a homossexualidade [...]” (SIMÕES, 2018, p. 317). Um homem questiona: “Você é um homem tão bonito, por que não se cuidou de jovem?”. Nesse caso, em específico, a culpabilização do soropositivo parece ser maior pelo fato de os soropositivos dos canais serem bonitos, como se a beleza fosse, para parte da audiência, um marcador que torna a

situação pior do que poderia ser caso eles fossem de outra aparência. Essa ideia de beleza tem relação com um “parecer saudável”, o que gera o desejo sexual de parte da audiência. Uma mulher, por exemplo, confessa: “vc é lindo, se vc gostasse de mulher eu encararia isso de boa”. Um homem, em tom descontraído, também se declara: “Casa cmg! Pelo amor de Deus! Hahahahaha”.

Ainda sobre a resposta da audiência dos canais, os comentários de todos os vídeos analisados apontam o quando esses artefatos tratam de algo que “não é apenas uma epidemia viral, clínica e biológica, mas uma epidemia de aspectos morais, culturais e discursivos. Ela é mais do que se disse e se pensou sobre ela, do que uma infecção viral” (FÉLIX, 2019, p.151). O “lugar pedagógico” online, com o seu currículo e pedagogia, aqui analisados não são lugares apartados da realidade offline. Afinal, “a internet não forma um espaço autônomo, que existe em paralelo aos espaços físicos; a distinção on-line/off-line é circunstancial e precária, ‘real’ e ‘virtual’ estão constantemente articulados” (BRAGA, 2015, p. 228). Isso faz todo o sentido na compreensão dos canais do Youtube enquanto artefatos nos termos aqui discutidos. “A rede é parte do mundo, e não um ‘mundo à parte’” (idem). Dos inúmeros exemplos a serem citados, em um dos comentários, um homem assume para o produtor de conteúdo de um dos canais que o segue e obtém “boas informações enquanto educador”. Esse comentário não é isolado. Os canais online são, para muitos/as, fonte de informação que é utilizada em outros processos educativos, especialmente offline, em escolas ou universidades.

Devido a isso, conforme Miller (2013) caracterizou, reconheço a tecnologia da internet como um gênero cultural, e, como tal, não nos permite criar algo radicalmente novo. Isto é, pode haver uma consequência no seu uso que é a possibilidade de explorar novas coisas, experimentar novas liberdades, “mas isso também induz ansiedades quanto ao controle sobre como essas liberdades e capacidades serão empregadas” (Idem, p. 173).

Em se tratando de jovens gays soropositivos para o hiv como responsáveis pela produção de conteúdo dos canais e pela própria exposição desse conteúdo, a percepção de que certo “controle” compõe a proposta curricular desses artefatos é imprescindível, inclusive porque, independentemente da orientação sexual dos produtores de artefatos, e da sorologia para o hiv, em se tratando de currículo, não poderia ser diferente. Como apontam Paraiso e Caldeira (2018), sendo o currículo território político, ético e estético incontrolável, ele será usado para regular e ordenar. Os vídeos dos canais, comumente fazem isso, e são bem avaliados quanto ao seu “currículo” e “pedagogia”. Uma mulher comenta em um deles: “Cara você é maravilhoso fantástico gosto muito de seus tutoriais abraços”. Avaliar como tutorial, isto é, uma forma de ensinar e aprender, onde consta o que e/ou como se deve fazer algo é um dos sinais do quanto o campo etnográfico desses artefatos apresentam interesses de regulação e ordenação.

Contudo, segundo as mesmas autoras, ele, o currículo, “pode também ser território de escapes de todos os tipos, no qual se definem e constroem percursos inusitados, caminhos mais leves, trajetos grávidos de esperança a serem percorridos” (Idem, p. 13). Por isso, parte do que é possível concluir, aponta para o quanto, na Internet, é importante problematizarmos o quanto não conseguiremos fugir das reiterações normativas e convencionais. Mas, por outro lado, também vale a pena reconhecermos e apostarmos nos seus escapes, em seus fluxos fora do controle. Exemplos disso, pode ser a resistência às críticas presentes em um dos vídeos que trata da mistura de bebida alcoólica com remédios, ou o desejo sexual atrelado a uma estética gay soropositiva instigando homens, mas também mulheres.

Palavras-Chaves: Gênero. Sexualidade. Artefato Cultural. Internet.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Gibran Teixeira. Não estou cobrando o que eu não posso dar: masculinidade simétrica no homoerotismo virtual. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 21, Rio de Janeiro, p. 225-261, dez., 2015.

FÉLIX, Jeane. Juventudes, sexualidades e vidas com HIV/Aids: o que dizem os/as jovens? **Gênero, sexualidade e geração: intersecções na educação e/m saúde / organização [de] Fernando Pocahy, Felipe da Silva Ponte de Carvalho, Dilton Ribeiro Couto Junior – Aracaju: EDUNIT, 2018. p. 149-171.**

FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de. Debates insubmissos na educação (apresentação de dossiê). **Revista Debates Insubmissos**. v.1, n.1, p. 101-103, jan./abr., 2018.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, p. 290-299, maio/ago. 2007.

MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e Coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PARAISO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. Currículos, gêneros e sexualidade para fazer a diferença (Apresentação). In: PARAISO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. (Orgs.). **Pesquisas sobre currículo, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018, p. 13-19.

RIAL, Carmem. Mídia e sexualidades: breve panorama dos estudos de mídia. In: GROSSI, Mirian Pilar. et al. **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 107-136.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 04-21, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SIMÕES, Júlio Assis. Gerações, mudanças e continuidades na experiência social da homossexualidade masculina e da epidemia de Hiv-Aids. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, n. 29, p.313-339, 2018.

STEINBERG, Shirley R. Kindercultura: construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Heron da; AZEVEDO, José Clovis; SANTOS, Edmilson Santos dos. **Identidade Social e a Construção do Conhecimento**. Porto Alegre. Ed. Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre – Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1997, p. 98-145.